



Raimundo (D) com o sobrinho Doniele na maca: “A família não quer aceitá-lo em casa porque ele ainda não está bem”

## “Plantão é um mǎssacre”

Sete horas da manhã de sábado. Troca de plantão no Hospital de Base.

Chega o gastroenterologista Dênis Marinho da Silva Brandão, que chefia o Pronto Socorro até às 19h.

São doze horas em que se misturam tensão, frustração e solidariedade na emergência do hospital que atende o maior número de pacientes por dia em todo o Distrito Federal — 900 a 1.200 pessoas.

O primeiro problema do dia: o paciente da Psiquiatria Doniele Paes, 25 anos, que, antes, batia a cabeça no chão, recebe alta. Logo retorna.

O tio dele, Raimundo Paes de Oliveira, afirma: “A família não quer aceitar ele em casa no Paranoá. Ele ainda não está bem”.

A outra parte da família de Doniele mora em Planaltina de Goiás.

“Eu não posso autorizar o transporte para fora de Brasília”, justifica o médico.

**Engano** — Às 9h, um telefonema da mãe resgata o outro lado

da vida do médico. “Não, mãe, a senhora se enganou. O dia dos médicos não é hoje. É 18 de outubro”, corrige.

E lembra: “Hoje é um dia em que deveria estar com minha mulher e meus três filhos”.

Dali a pouco, outro problema: apenas um medidor de pressão funciona nos três postos da Cardiologia. “Vou ter que deslocar de outras áreas do hospital”, prevê.

A rotina do médico — que tem 16 anos de profissão — não pára por aí. Depois de um dia de plantão, Dênis volta para casa com uma pilha de 190 trabalhos de médicos residentes para dar um parecer.

Apesar do baixo salário — entre R\$ 728 e R\$ 3 mil (fim de carreira) —, ele acredita que ser médico ainda vale a pena.

“Cada plantão é um sofrimento diário, um massacre. Compartilhamos o sofrimento das pessoas, somos agredidos.

Mas continuo achando que é a minha vocação. Medicina é uma questão de idealismo”, resume.